

UM OLHAR PARA O SÍTIO ARQUEOLÓGICO CG3 NA CIDADE DE CAMPO GRANDE – MS COMO RECURSO PEDAGÓGICO DE ENSINO

UNA MIRADA AL YACIMIENTO ARQUEOLÓGICO CG3 DE CAMPO GRANDE - MS
COMO RECURSO PEDAGÓGICO DE ENSEÑANZA

A LOOK AT THE ARCHAEOLOGICAL SITE CG3 IN CAMPO GRANDE - MS AS A
PEDAGOGICAL TEACHING RESOURCE

Rafael Simões Galvão¹

Vicentina Socorro da Anunciação²

Resumo: As ciências geográfica e arqueológica associadas desvendam as relações humanas estabelecidas no espaço englobando concepções ambientais, sociais e simbólicas. O presente trabalho busca – propor estratégias de ações pedagógicas facilitadoras no processo de ensino e de aprendizagem corroborando na internalização do conhecimento sobre o sítio arqueológico CG3 na cidade de Campo Grande - Ms, a partir da análise da categoria paisagem através de uma proposição dinâmica e aplicada. As reflexões apresentadas estão ancoradas nas seguintes ações: pesquisa - ação, estudo do meio, metodologia ativa e educação ambiental crítica. O método científico que guiou o estudo foi o hipotético dedutivo com interação de análise hermenêutico-dialética, construindo conjecturas baseadas em hipóteses permitindo incorporar interpretação dos sentidos do discurso dos sujeitos relacionado ao seu contexto social e histórico. Os resultados apontam que as práticas pedagógicas apresentadas ao serem executadas potencializam o processo de ensino, de aprendizagem reflexiva na compreensão dos componentes geoecológicos da paisagem no sítio arqueológico, as relações sociais, ambientais, históricas, culturais engendradas instigando o sentimento de pertencimento identitário ao grupo participante, repensando as relações estabelecidas com o meio. À guisa de conclusões espera-se que o recurso pedagógico apresentado possa ser instrumentos metodológicos útil e diversificado no fazer docente em espaços formal e não formal de ensino dando suporte as reflexões.

Palavras-chave: Ensino; Paisagem; Pré-história.

Resumen: Las ciencias geográficas y arqueológicas asociadas desvelan las relaciones humanas que se establecen en el espacio abarcando concepciones ambientales, sociales y simbólicos. El presente trabajo busca - proponer estrategias de acciones pedagógicas que faciliten el proceso de enseñanza y aprendizaje, corroborando la internalización de conocimientos sobre el sitio arqueológico CG3 de la ciudad de Campo Grande - Ms, a partir del análisis de la categoría

¹ Graduado em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande/MS. E-mail: rafas_galvao@hotmail.com. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/8500599935820391>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-7449-9663>.

² Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora na Universidade Federal da Paraíba. E-mail: vique56@hotmail.com. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/5014255647536445>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-8571-5109>.

paisaje mediante una propuesta dinámica y aplicada. Las reflexiones presentadas están ancladas en las siguientes acciones: investigación - acción, estudio del medio ambiente, metodología activa y educación ambiental crítica. El método científico que guió el estudio fue el hipotético deductivo con interacción de análisis hermenéutico-dialéctico, construyendo conjeturas basadas en hipótesis que permiten incorporar la interpretación de los significados del discurso de los sujetos relacionados con su contexto social e histórico. Los resultados indican que las prácticas pedagógicas presentadas al ser ejecutadas potencian el proceso de enseñanza, el aprendizaje reflexivo en la comprensión de los componentes geocológicos del paisaje en el sitio arqueológico, las relaciones sociales, ambientales, históricas, culturales engendradas instigando el sentimiento de pertenencia identidad al grupo participante, repensando las relaciones establecidas con el entorno. A modo de conclusiones se espera que el recurso pedagógico presentado pueda ser una herramienta metodológica útil y diversificada en la enseñanza en espacios de educación formal y no formal apoyando las reflexiones.

Palabras clave: Enseñanza; Paisaje; Prehistoria.

Abstract: The associated geographic and archaeological sciences unveil the human relationships established in the space encompassing environmental, social and symbolic conceptions. This paper seeks - to propose strategies for pedagogical actions that facilitate the process of teaching and learning, corroborating the internalization of knowledge about the archaeological site CG3 in the city of Campo Grande - Ms, from the analysis of the category landscape through a dynamic and applied proposition. The reflections presented are anchored in the following actions: research - action, study of the environment, active methodology and critical environmental education. The scientific method that guided the study was the hypothetical deductive with interaction of hermeneutic-dialectical analysis, building conjectures based on hypotheses allowing to incorporate interpretation of the meanings of the discourse of the subjects related to their social and historical context. The results point out that the pedagogical practices presented when executed enhance the teaching process, reflective learning in understanding the geocological components of the landscape at the archaeological site, the social, environmental, historical, cultural relations engendered by instigating the sense of identity belonging to the participant group, rethinking the relationships established with the environment. As a conclusion, it is expected that the pedagogical resource presented can be useful and diversified methodological instruments in the teaching process in formal and non-formal education spaces, supporting reflections.

Keywords: Teaching; Landscape; Prehistory

Introdução

A paisagem pode ser considerada um instrumento essencial na leitura do espaço geográfico. Nesse sentido, reconhecer seus elementos, sua história, as práticas sociais, culturais e dinâmicas naturais, assim como a interação existente está inerente aos vestígios materiais da presença humana na Terra.

Sendo a Arqueologia a ciência que se debruça na investigação dos indícios, ou vestígios materiais, de civilizações e culturas passadas, através de suas contribuições, torna possível compreender o passado das sociedades humanas por meio de registros e evidências antigas, uma vez que nos sítios arqueológicos está contido vastas informações acerca de práticas,

valores e estruturas das sociedades antepassadas. Funari (2010) define a “Arqueologia como ciência que estuda os sistemas socioculturais, sua estrutura, funcionamento e transformações com o decorrer do tempo, a partir da totalidade material transformada e consumida pela sociedade” (FUNARI, 2010, p.9).

Nesse seguimento, podemos pressupor como as populações do passado conduziam seu espaço e território ao longo do tempo, e de que maneira essa distribuição pode ter refletido nas relações sociais entre os indivíduos, espelhadas no espaço.

Dessa forma estabelece uma relação com a ciência geográfica, quando busca desvendar como a população gerenciava seu espaço e território no decurso do tempo, e os reflexos dessa distribuição nas relações sociais, englobando concepções ambientais, sociais e simbólicas. Sendo que sem se aprofundar no debate nós compreendemos espaço como produto de inter-relações como sendo constituído através de interações, desde a imensidão do global até o intimamente pequeno e está embutida em práticas materiais (MASSEY, 2008). Já a noção de território:

como domínio completo e apropriação simbólica do espaço pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” quanto para produzir “significados”. O território é funcional a começar pelo território como recurso, seja como proteção ou abrigo (“lar” para o nosso repouso), seja como fonte de “recursos naturais” – “matérias-primas” que variam em importância de acordo com o(s) modelo(s) de sociedade(s) vigente(s) (HAESBAERT, 2005, p.6776).

O presente trabalho busca trazer uma contribuição ao estudo da geografia em espaços formais e não formais de aprendizagem na perspectiva da geoecologia da paisagem, integrando as investigações arqueológicas ao enfoque geográfico, objetivando compreender as formas de convívio das populações pré-históricas com o espaço, no contexto geoecológico da análise da paisagem, do espaço habitado e do entorno explorado, juntamente com a cultura material do grupo social, abrindo vertentes de contribuição interdisciplinar e transdisciplinar com outras áreas do conhecimento como História, Ciências Biológicas, Artes dentre outras.

A pesquisa parte da hipótese de que praticar geografia em um sítio arqueológico com ações aplicadas potencializa a compreensão da categoria de análise paisagem com seus elementos socioambientais, a história e cultura da sociedade e fortalece laços identitários dos sujeitos cooperando para a preservação do patrimônio.

Com base na problemática estabelecida, objetiva utilizar o sítio arqueológico como instrumento facilitador para o ensino de Geografia. Analisar as relações socioespaciais

estabelecidas no sítio arqueológico CG3. Apresentar uma proposta metodológica para praticar a geografia no Sítio Arqueológico CG3.

Dentro dessas perspectivas de análise norteia o estudo alguns questionamentos: é possível estudar Geografia no sítio arqueológico? Geografia e Arqueologia bem como outras áreas do conhecimento podem ser estudadas em espaços não formais e formais de aprendizagem? É possível saber e entender como e porque povos se instalaram em lugares de antigos assentamentos? As cicatrizes da paisagem revelam as intervenções da sociedade?

Assim, este estudo pode ser categorizado como pesquisa descritiva e exploratória, de natureza aplicada e abordagem qualitativa cujos objetivos são exploratórios, descritivos, explicativos, pensando nos aspectos da classificação, perspectivas, estratégias bem como procedimentos específicos. De acordo com Gil (2002, p.176) as classes de pesquisa são:

[...] é possível classificar as pesquisas em três grandes grupos: exploratórias, descritivas e explicativas. [...] pesquisa exploratória têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias, ou a descoberta de intuições. [...] pesquisa descritiva são as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática [...] pesquisas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos.

A partir destes pontos de vistas, a análise é pensada para ser desenvolvida pelas vertentes: pesquisa – ação, estudo do meio, metodologia ativa e educação ambiental crítica por acreditar que tais vieses de investigação proporcionam para todos os atores sociais envolvidos no processo o contato direto com objeto da pesquisa.

O estudo do meio desperta o olhar crítico sobre a temática abordada, como advertido por Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p. 175-176):

[...] esse método pode proporcionar aos seus atores o desenvolvimento de um olhar crítico e investigativo sobre a aparente naturalidade do viver social. Seja no lugar em que o aluno mora, seja em lugar distante, o contato com uma paisagem pode suscitar interrogações que, com o suporte do professor, ajudarão a revelar e mostrar o que existe por trás do que se vê ou do que se ouve.

O ideário de inserção da metodologia ativa em ações de ensino coloca o aprendiz no centro do processo de aprendizagem, como salientado por Bastos (2006, apud Berbel, 2011, p. 270) “o método ativo é um processo que visa estimular a autoaprendizagem e a curiosidade do estudante para pesquisar, refletir e analisar possíveis situações para tomada de decisão, sendo o professor apenas o facilitador desse processo”.

Contemplado na abordagem metodológica pesquisa – ação, atividades educativas promovem interação entre o pesquisador, sujeitos coadjuvantes e objeto de estudo, convertendo num processo de aprendizagem para todos os agentes sociais atraídos para a participação e reflexão coletiva de estudo. De acordo com Engel (2000, p. 182):

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa participante engajada, em oposição à pesquisa tradicional, que é considerada como “independente”, “não-reativa” e “objetiva” [...] isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta.

As diretrizes científicas visando examinar a problemática, partiu do método hipotético dedutivo com interação de análise hermenêutico-dialética, sob o prisma de preservar a possibilidade de interpretação dos sentidos que os sujeitos elaboram em seus discursos, combinado à compreensão desse à luz das contradições que lhes constituem, e ao contexto social e histórico, como destacado por Allard (1997) apud Oliveira (2001, p. 69):

O círculo hermenêutico-dialético é um processo de construção e de interpretação hermenêutica de um determinado grupo {...} através de um vai-e-vem constante entre as interpretações e reinterpretações sucessivas (dialética) dos indivíduos.

Assim sendo, transcorrem todos os ciclos a serem realizados na pesquisa procurando através da participação engajada de todos os sujeitos estimular a autoaprendizagem, diversidades de olhar crítico e investigativo, proporcionando o raciocínio geográfico sobre um sítio arqueológico.

Bases teóricas conceituais

As reflexões na ciência geográfica perpassam pelos conceitos que lhe dão forma. Sendo seu objeto de estudo o espaço e a sociedade envolve análise que abrange as categorias espaço, lugar, território, região e paisagem, pois em todas está contida a ação humana sobre a superfície. Esse estudo traz em seu bojo constituinte, alusão à paisagem envolvendo sua dinâmica e constante transformação. Compreender as complexas relações sociais e naturais no espaço envolve a paisagem pois abre possibilidades de compreender sua história, projetar uso, o planejamento e a gestão do espaço. De acordo com Santos “Paisagem é o conjunto de formas que num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações

localizadas entre o homem e a natureza. Ou ainda, a paisagem se dá como conjunto de objetos concretos” (SANTOS, 1988, p.61).

Souza (2018), aponta de maneira filosófica e geográfica que a paisagem é uma dimensão da existência humana e sua constituição é espaço-temporal e faz refletir no reencontro do homem com a natureza e sua razão, deste modo o indivíduo mesmo sem ser indagado já refletirá sobre a paisagem/natureza/vida.

Observa-se que em diferentes incursões teóricas como em Santos (2006), Claval (2007), Cosgrove (2007) e Souza (2017) que a paisagem é inferida como um conjunto cumulativo de objetos do passado e do presente, podendo uma mesma paisagem ter sido modificada, revelando através de sua cicatriz as formas, criação e transformação em diferentes momentos históricos, coexistindo em sua perpetuação.

Na perspectiva de conhecer os vestígios das relações socioespaciais no passado, a arqueologia tem se apropriado do conceito de paisagem como categoria de análise, uma vez que os aspectos presentes na paisagem arqueológica revelam indícios diretos e indiretos das conexões da sociedade com o meio na utilização do espaço.

Nesse sentido, a Arqueologia da Paisagem estuda a percepção de grupos sobre uma paisagem socialmente construída na memória, atribuindo-lhe significado.

De acordo com Fagundes (2009, p. 302)

O estudo da paisagem em Arqueologia envolve questões complexas sobre as maneiras com que grupos pré-históricos, conscientemente ou não, moldaram seus espaços sociais e culturais, situações que envolvem uma variedade de processos tanto relacionados à organização deste espaço quanto a sua modificação em função de uma diversidade de propósitos que incluem subsistência, questões de ordem econômica, social, política, cognitiva, simbólica ou religiosa.

Sendo assim observa que o estudo da Arqueologia da paisagem perpassa pelo diálogo com a ciência geográfica e geociências, no entendimento das relações estabelecidas entre episódios deposicionais e ocupacionais.

Contudo, a partir da análise sistêmica e complexa que envolve a relação sociedade X natureza X sociedade encontra-se o viés da Geoecologia das Paisagens proporcionando contundente investigação no desvendar da interpretação, das inter-relações e interações inerente aos elementos antroponaturais no espaço. Ancorados nos ideários científicos de Rodrigues et al (2017, p.13), alvitra-se abordagem teórica em estudo como desta natureza apresentada.

A Geocologia da Paisagem reveste-se de fundamental importância no âmbito de uma nova perspectiva, onde as ideias da multidisciplinaridade valorizam a questão ambiental, rompendo fronteiras padronizadas, dedicando-se às características, aos estudos e aos processos dos elementos da natureza e da sociedade.

Dessa forma, nas observações e análises geográficas que podem ser realizadas no Sítio Arqueológico CG3 proporcionar aos participantes incluídos no estudo da paisagem local, um raciocínio geográfico transformador com relação a percepção dos elementos que inter-relacionam na dinâmica da apropriação e transformação histórica pela coletividade no espaço socialmente produzido.

Área de estudo

O município de Campo Grande – MS possui um quantitativo de 36 sítios arqueológicos inventariados no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, sendo que o total de 27 encontram-se em área rural e 9 no núcleo urbano.

Denominado de sítio Córrego Prosa 01 ou CG3, localiza-se no Parque das Nações Indígenas na área central da cidade de Campo Grande (figura 1), com as coordenadas UTM 21K E 752935 S 7736810. Recebe este nome por estar na bacia hidrográfica do córrego Prosa, seus elementos característicos são compostos por material cerâmico e lítico (material em rocha) com predominância de artefatos em arenito silicificado como matéria-prima que de acordo com Martins (2000) eram coletados em afloramentos rochosos muito comum nessa região, bastante presente são os raspadores (artefatos). Segundo Martins et al (2000) a datação arqueológica é de 300 ± 15 AP (antes do presente) e de 635 ± 75 AP para este sítio, sugerindo uma ocupação para o município de Campo Grande um período de até 1000 anos.

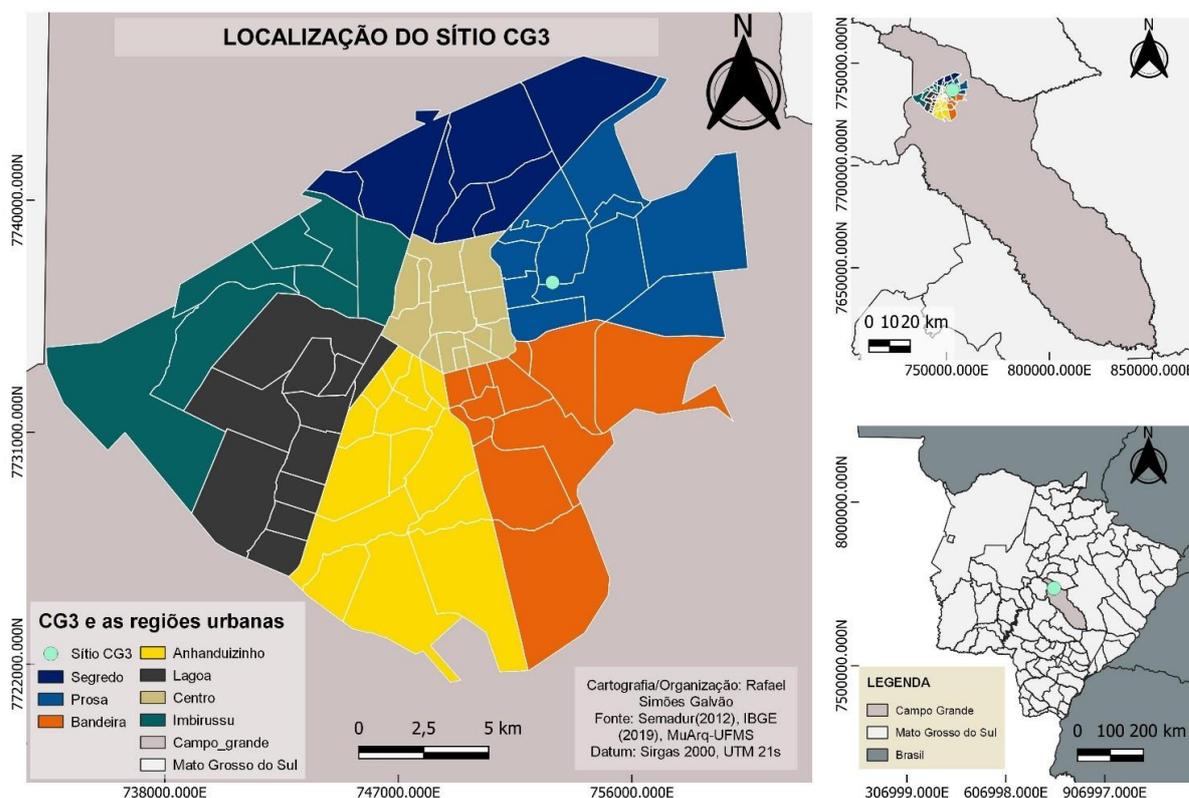
Relacionado às características físicas da bacia do Prosa de acordo com Bruno (2021):

possui um relevo caracterizado por colinas, variando entre áreas praticamente planas até ondulações com declividade acentuada. Possui uma grande área com solo associado à formação Serra Geral, com latossolos vermelhos e alteração de rocha basáltica com profundidade variável. Restrito a porção nordeste da bacia (montante da nascente do Sóter), temos também solo relacionado à formação Caiuá, com areias e alteração de rocha em profundidade. Já nas proximidades dos córregos, temos formação de aluviões, com ocorrência de afloramentos de lençol e eventuais solos moles. (BRUNO et al, 2021, p. 24).

As características e detalhes assinalados indicam as composições geológicas e pedológicas elementos importantes da área, marcando o fato de se ter objetos com arenito

silicificado e vestígios cerâmicos, somados aos aspectos de uma determinada sociedade com vestígios de seus e hábitos culturais.

Figura 1: Localização da área de Estudo: Brasil-MS-Campo Grande/sítio CG3



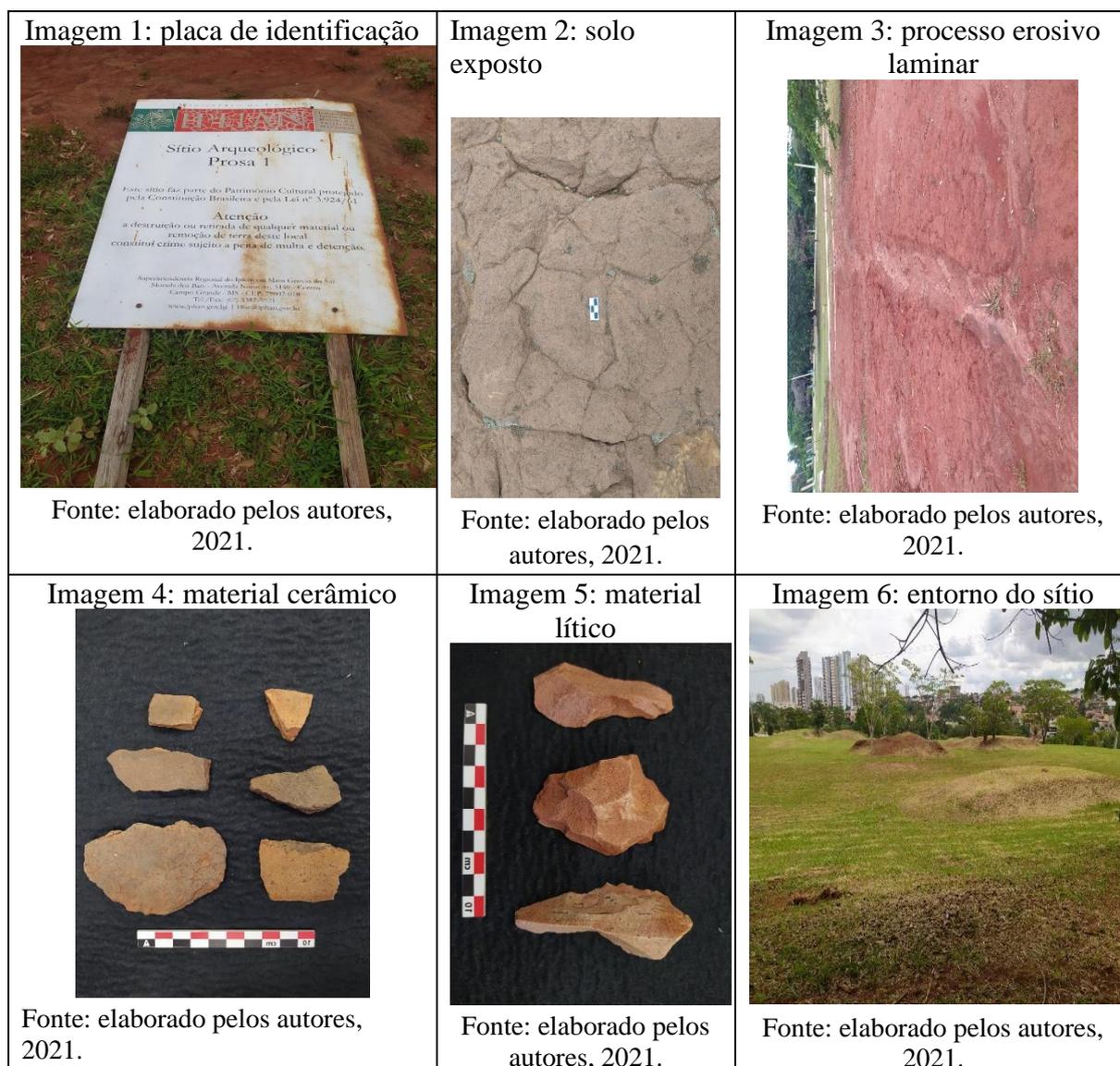
Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

A região inerente ao sítio arqueológico é chamada de planalto Maracaju-Campo Grande ou Planalto Basáltico da Bacia do Paraná, sendo um derrame vulcânico do triássico superior, encoberto em algumas partes por arenitos da era mesozoica, foi exposto por um longo período a processos erosivos hoje apresentando estruturas aplainadas e colinas, e em suas bordas apresenta feições escarpadas, do triássico para o jurássico (195 milhões de anos), foi um período árido onde houve um grande deserto, dando origem a formação Botucatu, e da passagem do cretáceo para o jurássico (141 milhões de anos), houve derrames magmáticos sobre a formação Botucatu, formando um novo pacote de rochas basálticas denominada “Serra Geral”, havendo intercalação entre ambos (MARTINS, 2003). O mesmo autor também afirma que por haver afloramentos de arenito silicificado com bastante regularidade, funcionou como um dos fatores determinantes para a fixação dos grupos de povos caçadores coletores na região.

Cabe destacar que havia uma placa de identificação do sítio arqueológico (imagem 1) no local dada a sua importância, mas atualmente encontra-se em ruínas, quebrada e lançada ao chão. No entorno do sítio, há solo exposto (imagem 2), mas não foi registrado material arqueológico na superfície. Além disso foi observado em campo a presença de processo erosivo laminar na área do sítio (imagem 3).

Enfatiza-se que neste sítio foram encontrados materiais líticos (imagem 4) e cerâmicos (imagem 5).

Figura 2: Mosaico de imagens do Sítio Arqueológico CG3



De acordo com Brambilla (2021), pode-se inferir que as cerâmicas pertencem provavelmente a tradição Aratu. Tradição (arqueológica) aqui pensada como legado cultural e como descreveu Dias (2007): tradição subentende uma unidade ou uma série de unidades

arqueológicas básicas (fases) relacionadas entre si, que são socialmente transmissíveis e persistentes no tempo. Portanto, uma tradição seria caracterizada principalmente pela profundidade temporal (DIAS, 2007, p.62). As características das cerâmicas da tradição Aratu possui vasilhas, periformes, esféricas ou elipsóides, não apresentam reforço e suas bases são arredondadas, côncavas ou furadas, sendo comum grandes formas embora não tenham pratos ou assadores de grandes proporções. Também são encontradas rodela de fuso (para fiação de fibras/algodão) e cachimbos, a cerâmica Aratu possui pouca decoração e pintura (EREMITES DE OLIVEIRA e VIANA, 2000).

Contudo, alvitra-se que diversos grupos humanos, tenham passado por este território, no período pré-colonial pois, está na área central do estado e localizado no divisor de águas da Bacia Hidrográfica do Paraná e do Paraguai.

Com exceção de poucos pesquisadores e estudantes da área, no estado de Mato Grosso do Sul o sítio arqueológico CG3 é desconhecido pela população em geral e particularmente pela sociedade campo-grandense. Não há projetos para a divulgação do sítio e sua relação com a geo-história regional, o único elemento informativo sobre o sítio era uma placa e ela encontra-se deteriorada e literalmente destruída. Não há nenhuma proteção no sítio provavelmente por ser um ambiente já antropizado, além disso, não descarta a possibilidade de encontrar artefatos já que a área apresenta processos erosivos e com isso pode-se emergir à superfície. A população utiliza o local para piqueniques, praticar vôlei e outros esportes e modalidade de lazer, além do intenso fluxo de transeuntes, pois anexo encontra-se a concha acústica do parque que realiza diversos tipos e modalidades de eventos culturais.

O sítio arqueológico CG3 na lente da Geografia

Refletir sobre o Sítio Arqueológico CG3 com atores sociais em espaços formais e não formais de educação, pode ser através de uma sequência pedagógica que possibilita ser desenvolvida pelo professor de Geografia ou de outras áreas do conhecimento como História, Ciências Biológicas, Artes e bem como monitores de Centros de Educação Ambiental e museus ou até mesmo congregar esforços interdisciplinares e transdisciplinares na perspectiva de produzir conhecimento.

Dessa forma, as estratégias de ações aqui apresentadas oportunizam maior compreensão sobre a Geografia e Arqueologia, bem como as relações sociais, econômicas e ambientais pretéritas, presentes e futuras neste espaço, além da socialização do conhecimento ao público externo aos muros da escola.

Trata-se de um momento que oportuniza aos sujeitos falar de sua experiência vivida, expressar seu conhecimento, aguçar a reflexão e produzir saberes. Promove uma compreensão do Sítio Arqueológico, de forma integrada: os aspectos sociais, econômico, ambiental, físicos, biológicos que são materializados através de uma variabilidade de ações conjugadas e complexas, despertando multiplicidade de olhares, reflexões, ações na perspectiva de compreender o objeto de estudo. O roteiro proposto é uma sugestão de estratégias que podem ser executadas integralmente ou parcialmente, como também possui flexibilidade para que seja implementada mais possibilidades de ações e intervenções baseado no conhecimento e na experiência acumulada a respeito do tema, pelo executor da proposta.

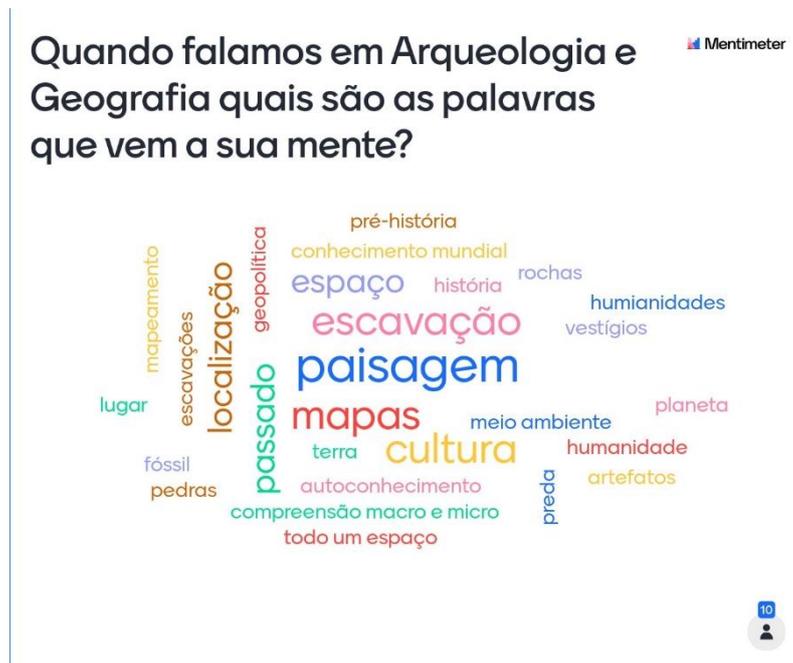
Encontro dos sujeitos

Fazer a mediação de uma roda de conversa sobre abordagens de estudo da Geografia e da Arqueologia. Problematizar e indagar o público-alvo o que sabem sobre o que estuda nestas duas áreas de conhecimento e como estão presentes no seu dia a dia.

Após esse diálogo solicitar ao grupo que no celular ou computador acesse individualmente o programa Mentimeter (<https://www.mentimeter.com>). Consiste em uma plataforma online que possibilita a criação e compartilhamento de atividades com interatividade. Assim os participantes em tempo real, juntamente com o mediador, irão criar uma nuvem de palavras da temática central debatida.

O mediador solicita aos participantes que categorizem a temática, utilizando apenas palavras. O número de palavras permitido por cada participante é definido na plataforma, recomenda-se até três. À medida que uma mesma palavra for utilizada por mais de um integrante da sala, ela será mostrada em destaque. Aproveitar o momento para enfatizar o vocabulário que sobressaiu esclarecer dúvidas, explorar detalhes da temática abordada. Nesse sentido pode ser utilizada para avaliação da percepção e internalização geral do grupo sobre o tema.

Com o intuito de ilustrar foi realizada essa atividade (imagem 8) com 10 moradores do município de Campo Grande, onde consistiu em que cada um descrevesse em uma palavra o seu imaginário quando se fala de Arqueologia e Geografia, sendo as palavras com maior destaque: cultura, escavação, paisagem e mapas. Pode observar que no ideário social, ambas as disciplinas possuem contato sobretudo com a paisagem, categorias que este trabalho propõe levar aos sujeitos na prática.

Figura 3: nuvens de palavras da temática Geografia x arqueologia

Fonte: Mentimeter, organizado pelos autores, 2021.

De olho na paisagem

Com o grupo de participantes posicionados fora da sala, solicitar que observem tudo aquilo que seus olhos puderem alcançar e questione o que estão vendo e requisita que façam anotações. Verificar o que os participantes sabem sobre paisagem, a noção de fisionomia da paisagem (que é o aspecto visível do quadro físico-territorial) e a noção de fisiologia da paisagem (que é ligado ao campo da função da paisagem). Registrar as observações sobre os conhecimentos prévios e as eventuais dificuldades apresentada nessa avaliação diagnóstica para orientar intervenções e ampliar os conhecimentos sobre o tema. “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem, esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volume, mas também de cores, movimentos, odores, sons.” (SANTOS, 2006, p.61).

Ressaltar com os participantes que a paisagem é resultante de um processo de construção e de transformação constante de um lugar, por meio da qual é possível apreender as manifestações de elementos naturais e físicos como também culturais, sociais, políticos, as relações humanas com o meio entre outras, que revelam a história e os conflitos de sua formação e transformação.

Enfatizar o conceito de paisagem natural e paisagem artificial. “A paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem, enquanto grosseiramente podemos dizer que a paisagem natural é aquela ainda não mudada pelo esforço humano. Se no passado havia a paisagem natural, hoje essa modalidade de paisagem praticamente não existe mais” (SANTOS, 2006, p.64).

Apresentar diversas imagens de paisagem, natural e transformada, e diferentes imagens de sítios arqueológicos, principalmente do local que está sendo estudado, que contenha, transpareça as interações entre os elementos componentes do meio.

Ler o texto da música: Paisagem da janela de Fernando Brant e Lô Borges e interpretada por Milton Nascimento. Sugere-se ouvir, cantar e tocar com o grupo:

Da janela lateral do quarto de dormir	Cavaleiro e senhor de casa e árvores
Vejo uma igreja, um sinal de glória	Sem querer descanso nem dominical
Vejo um muro branco e um voo pássaro	Cavaleiro marginal banhado em ribeirão
Vejo uma grade, um velho sinal	Conheci as torres e os cemitérios
Mensageiro natural de coisas naturais	Conheci os homens e os seus velórios
Quando eu falava dessas cores mórbidas	Quando olhava da janela lateral
Quando eu falava desses homens sórdidos	Do quarto de dormir
Quando eu falava desse temporal	Você não quer acreditar
Você não escutou	Mas isso é tão normal
Você não quer acreditar	Você não quer acreditar
Mas isso é tão normal	Mas isso é tão normal
Você não quer acreditar	Um cavaleiro marginal
E eu apenas era	Banhado em ribeirão
Cavaleiro marginal lavado em ribeirão	Você não quer acreditar
Cavaleiro negro que viveu mistérios	

Numa roda de conversa no ambiente que achar mais adequado dialogar com os participantes sobre o que contém de paisagem no texto da música, que paisagem identificaram, paisagem natural, cultural, as diferenças paisagísticas dos diversos lugares mencionados na música, componentes físico-territoriais e culturais dos lugares. Relacionar com o objeto de pesquisa. Reforçar que a paisagem possui cheiro, cor, sabor e som. Reforçar os conceitos

geográficos discutidos até este momento. Solicitar aos alunos que faça um quadro elencando as informações.

Quadro 1: Síntese dos elementos da paisagem

Música: Paisagem da Janela	
Componentes físico-territoriais (aspectos naturais)	Componentes Culturais (aspectos culturais)

Organizado pelos autores, 2021

Proponha que o grupo observe as imagens de paisagem apresentadas anteriormente, relaciona com a música, e quadro de informações levantadas e problematize. Instigar para expressar suas impressões de relação desse texto e contexto com a área que está sendo estudada. Permitir que todos expressem suas observações e, se necessário, esclareça as possíveis dúvidas.

Imergindo no sítio arqueológico CG3

Oriente e auxilie os integrantes acessar o Google Maps ou o Google Earth. Ambos dispõem de recursos diversos, como a possibilidade de zoom para aproximação ou afastamento, inclinação, iluminação e giro de uma imagem, busca de endereços, identificação e marcação de lugares, cálculo da distância entre dois pontos, obtenção de uma visão tridimensional de determinada localidade e de informações de latitude e longitude de um local, além do street view, que permite explorar lugares por meio de imagens em 360⁰. Fazer um levantamento das características da paisagem, uso e ocupação no Sítio Arqueológico estudado e área do entorno.

Utilizando o efeito de zoom dos programas sugeridos, problematizar sobre a localização, as características, enfatizar a paisagem do sítio arqueológico, seu entorno, analisar a geomorfologia, a flora, solo exposto, as intervenções externas. Enfatizar a importância desse Sítio, o espaço, os usos, a ocupação, as contribuições históricas, geográficas e sociais, a necessidade de conservação. Realizar uma breve pesquisa na internet sobre o Parque das Nações Indígenas e o que há ao seu redor.

Pode até avançar com a análise apresentando as tradições arqueológicas presentes em Mato Grosso do Sul e as que possivelmente se fizeram presentes no município de Campo Grande, mostrar fotos dos artefatos líticos lascados/polidos e cerâmicos e sua diferenciação de uma tradição para outra e mostrar réplicas dos artefatos para que ao ter contato aguace a memória afetiva para com significado de todo esse acervo na história e na cultura da sociedade. Explorar

o que os objetos falam e o quê a história conta. E para uma melhor compreensão da pré-história local, a sugestão é realizar com o grupo uma visita técnica guiada ao Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – MuArq – MS.

Caminhando no sítio arqueológico

Partindo do pressuposto do estudo do meio realizar aula/prática de campo no Sítio Arqueológico, capturar imagens, inventariar os elementos que compõem a produção do espaço geográfico, a paisagem, aspectos social, econômico, cultural, ambiental e as intercorrências materializadas. Realizar a exploração visual da temática de estudo.

Elaborar um caderno de campo com espaço para desenhos, croquis, anotações, questionário para ser respondido em campo, um mapa de localização do sítio arqueológico e roteiro de entrevistas para ser realizado com frequentadores do local.

Nesse momento todas as informações serão anotadas no caderno de campo fazendo associações aos textos, letra de música e mapas previamente abordados em sala, contemplando a percepção do grupo sobre o espaço investigado. Realizar explicação sobre os elementos da paisagem enfatizando os aspectos encontrados na paisagem em estudo.

Explorar o ideário dos participantes sobre a existência e identificação no local de um sítio arqueológico, o que torna o local um sítio arqueológico, características de cursos d'água próximo, vegetação, forma de relevo presente, existência de fonte de matéria-prima (afloramento de rochas), estado de preservação do sítio, identificar impactos ambientais no sítio e no entorno, além de instigar o sentimento de pertencimento no local.

Dialogar sobre os elementos naturais e culturais que podem ser identificados na paisagem. Indagar a respeito das características que mais lhe desperta a atenção. Destacar que os elementos que compõem a paisagem contam a história, a dinâmica dos seres humanos que ali viveram e vivem.

Ressaltar os elementos naturais e culturais presentes na paisagem, chamar atenção para os instrumentos e técnicas utilizados na transformação da paisagem e que ela revela o modo que os grupos sociais se relacionam entre si e com a natureza. Sensibilizar os participantes na observação dos detalhes, instigá-los a desvendar algo novo, despertar sonhos, preocupações e atenção com os cuidados que uma área dessa dimensão e profundidade de signos necessita e merece ter.

Repensar a materialização das interferências humanas no espaço, a reponsabilidade social com a conservação do sítio. Nesse sentido potencializar o papel de sujeito ativo na

produção do seu próprio conhecimento, participando e refletindo sobre o Sítio Arqueológico em todas as etapas da atividade, ou seja, antes, durante e após o desenvolvimento dela. Aliando teoria e prática, refletindo, tanto sobre os elementos que compõe um sítio arqueológico e os conceitos que o envolve, quanto sobre a dinâmica socioambiental associada ao contexto local.

Aproveitar a oportunidade e aplicar um roteiro de entrevista aos frequentadores do Parque onde o sítio está localizado e verificar o ideário social sobre a localidade. Subdividir o público participante em grupos fracionados para entrevistar a população que será abordada por amostragem. As perguntas deverão ser fechadas abordando as seguintes temáticas: hábito de frequentar o parque, finalidade da visita, regularidade e frequência, atividades realizadas, o conhecimento da existência de um sítio arqueológico no local, indicação da localização. A entrevista servirá de base aos participantes da prática de campo sobre o ideário da população a respeito do sítio arqueológico CG3, a partir desse escopo, propor medidas de intervenção sobre divulgação, visita, conservação, instigando os participantes um olhar de pertencimento ao lugar estudado.

Sintetização das ideias

Em um espaço de diálogo e debate congregar as informações e materiais coletados em campo. Nesse momento reiterar o conceito de paisagem bem como outras categorias de análise geográfica que se fizerem necessárias, os elementos geográficos presentes, internalizando o conhecimento. Nesse sentido sistematizar textos e informações, selecionar imagens e produzir resultados, painel de fatos e notícias sobre o sítio visitado, maquete dentre outros recursos.

Fazer um mapeamento das consequências (positivas ou negativas) dos fatos observados, utilizando o programa: <http://scrumbler.ca/>. (Na ordem de grandeza, uma é originária da outra). Escrever a ideia principal (a potencialidade ou o problema) no centro. Escrever as consequências diretas ligadas, inserir as consequências de segunda ordem, apresentar as consequências de terceira ordem (desdobradas da anterior) pode aparecer de quarta ordem, quinta ordem etc. Utilizar cores diferentes para representar consequências positivas e negativas.

Estabelecer uma pirâmide de prioridades. Destacar os pontos mais importantes na construção ou para potencializar, resolver a consequência. Os fatores mais importantes devem estar no topo, ao passo que os menos importantes na base. Expor a justificativa das escolhas e decisões na sua construção.

Avaliação

Organizar e apresentar uma mostra de pesquisa a comunidade demonstrando os produtos do estudo por meio de banner, fotografia. Dessa forma os envolvidos não serão reprodutores de informações, mas fonte dela. É o momento de reflexões e diálogos questionamentos, compartilhamento de conhecimento, informação e ideias. Propor um planejamento, gerenciamento e gestão para o local, e por fim, imergir na problemática analisada.

Considerações finais

O campo do conhecimento privilegiado neste estudo, Geografia x Arqueologia, indica consistente imbricação uma vez que ao imergir em um sítio arqueológico, a categoria de análise, paisagem, é objeto de estudo entre esta e aquela área do conhecimento e os métodos de pesquisas utilizados se completam. Nesse sentido potencializa a compreensão das contínuas ocupações humanas com a inerente produção e transformação da paisagem associado aos contextos sociais e ambientais paisagísticos.

Ao estudar a paisagem, no contexto desta pesquisa, para além dos registros estruturais dos artefatos, faz-se presente também geoindicadores como base de informação para evidenciar os locais que a população antiga ocupava associado as relações sociais pretéritas e presentes estabelecidas no lugar.

É possível inferir que a Geografia e a Arqueologia são ciências interdisciplinares e que necessitam de outras ciências para auxiliar na busca de seus conhecimentos, sendo abrangente e muito importante para a sociedade na compreensão do espaço que é o palco das relações socioambientais.

Nesse sentido práticas pedagógicas interdisciplinares, como aqui apresentadas, potencializa o processo de ensino, de aprendizagem reflexiva na compreensão dos componentes geocológicos da paisagem, as relações sociais, ambientais, históricas, culturais engendradas instigando o sentimento de pertencimento identitário ao grupo participante, repensando as relações estabelecidas com o meio.

As propostas ancoradas no estudo do meio contida neste feito como recurso pedagógico de Geografia aplicada a um Sítio Arqueológico podem ser usadas em espaços formal de ensino tanto pelo professor de Geografia bem como por outras áreas do conhecimento ou até mesmo congregar esforços interdisciplinares. Além disso, podem ser executadas por profissionais em outros espaços formativos. Contudo, todas as ações devem sempre convergir na perspectiva de promover um olhar reflexivo para o lugar à luz da educação ambiental crítica para além de

ferramenta na defesa da natureza da ação antrópica, mas o papel que desempenha como mediadora e formadora na sociedade.

Olhar a realidade de forma crítica, através da educação ambiental, possibilita visualizar e explicitar as relações sociais mercantilizadas e alienantes que perpassam a forma homogênea de atuação social. Assim sua prática vem expressar o caráter político, social e histórico que configura a relação que os seres humanos estabelecem com a natureza mediada pelo trabalho, cobrando compromisso ético-político do pensamento crítico na produção do conhecimento que é inerente a dimensão ideológica do compromisso de classe.

As estratégias de ações apresentadas neste trabalho oportunizam maior compreensão sobre a dinâmica da paisagem, especificamente no Sítio arqueológico CG3, bem como as relações sociais, econômicas e ambientais estabelecidas, além da socialização do conhecimento com o público.

Traduz-se num espaço de diálogo e debate, que oportuniza os atores sociais expressar sua experiência vivida, conhecimento, aguçar a reflexão e produzir saberes que não estão contidos em livros.

Promove uma compreensão da paisagem, de forma integrada: os aspectos sociais, econômico, ambiental, físicos, biológicos que são materializados através de uma variabilidade de ações conjugadas e complexas, despertando multiplicidade de olhares, reflexões, ações na perspectiva de compreender o objeto de estudo: o Sítio Arqueológico e a paisagem.

Referências

BERBEL, Neusi. As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BRAMBILLA, Lia Raquel Toledo Gasques. **El pasado arqueológico en Mato Grosso do Sul – Brasil: Un análisis a través de la base de datos del MuArq – Museo de Arqueología de la UFMS**, Universidad Autónoma de Barcelona – Tese doutoral - UAB, Barcelona – España, 2021.

BRUNO, Leonardo de Souza; Matos, Tiago Souza; Oliveira, Paulo Tarso Sanches de. **Modelagem de bacias hidrográficas com o HEC-RAS**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2021

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis. Editora da UFSC. 2007.

COSGROVE, Denis. **Em Direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria**. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Introdução à Geografia Cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 103 – 134, 2007.

DIAS, Adriana Schmidt. Novas Perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices par o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 2, p. 59-76, 2007.

ENGEL, Guido. Irineu. **Pesquisa ação**. Educar: Editora da UFPR, Curitiba, n. 16, p. 181-191. 2000.

FAGUNDES, Marcelo. O conceito de paisagem em arqueologia: os lugares persistentes. **HOLOS Environment** (Online), v. 09, p. 135-149, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. 2. ed., 1a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

HAESBAERT, Rogério. **Da Desterritorialização à Multiterritorialidade**. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005, São Paulo. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina, p. 6774-6792, 2005.

MARTINS, Gilson Rodolfo. **Arqueologia do Planalto Maracaju /Campo Grande**. 1. ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003. v. 1. 255p.

MARTINS, Gilson Rodolfo. Sítios Arqueológicos da Região Revelam Indícios da Ocupação Humana. **ARCA: Revista de Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande/MS**, n° 7, Arquivo Histórico Municipal, Campo Grande. 2000.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p.312, 2008,

OLIVEIRA, Maria Marly de. Metodologia interativa: um processo hermenêutico dialético. Interfaces Brasil/Canadá, **Revista brasileira de estudos canadenses**. Porto Alegre.V. 1, N. 1, 2001.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib.; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

RODRIGUEZ, José Manuel Mateo. SILVA, Edson Vicente da. CAVALCANTE, Agostinho Paula Brito (Org.) **Geocologia das Paisagens: uma visão geossistêmica da análise ambiental**. 5. Ed.Fortaleza: Edições UFC, 2017. 222 p.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpressão. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **A metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988. 124p.

SOUZA, Reginaldo José. **Paisagem e Socionatureza: olhares geográfico-filosóficos**. Chapecó: Editora UFFS, 2018.

*Recebido em 10 de maio de 2022.
Aceito em 01 de julho de 2022.
Publicado em 15 de julho de 2022.*